
NOTAS E COMENTÁRIOS

Persp. Teol. 17 (1985) 369-373

ASPIRAÇÕES E DIFICULDADES DE UMA ASSOCIAÇÃO DE TEÓLOGOS

Alberto Antoniazzi

De 25 a 28 de julho p.p., em Belo Horizonte, realizou-se mais um Encontro Nacional de Teólogos Católicos. Digo "mais um", enquanto este encontro é resultado do anterior, de julho de 1984, aqui comentado no Editorial "A teologia possível" (*Persp. Teol.* 16 [1984] 285-289).

Uma primeira diferença entre os dois encontros é que o primeiro foi promovido pela Comissão Episcopal de Doutrina (CED), enquanto este foi organizado por uma comissão de teólogos, embora continuando a contar com o apoio da mesma CED, que se fez presente no encontro através da visita do seu Presidente, card. Aloísio Lorscheider, e da participação de Dom Valfredo Tepe e Dom Ângelo Salvador. Como consequência, no primeiro encontro havia apenas teólogos "convidados". Neste, a participação era livre e, de fato, o número dos participantes aumentou, superando os sessenta, além de uma dezena de adesões de teólogos, impedidos de participarem, mas que quiseram apoiar a fundação da Associação. Entre os impedidos estavam alguns dos grandes nomes da Teologia nacional, ou porque empenhados em encontros internacionais, ou porque momentaneamente retirados. A assinalar, de outro lado, a presença de jovens, que participavam pela primeira vez de um encontro nacional. Quanto à distribuição geográfica, todos os grandes centros estavam representados, de Belém a Porto Alegre. Predominaram, como era de se esperar, o Sudeste e sobretudo o estado de São Paulo.

A reunião acabou voltando-se principalmente para a criação da Associação dos teólogos, cujo estatuto foi aprovado, recebendo o nome de "Sociedade de Teologia e Ciências da Religião".

As discussões sobre a situação da Teologia no Brasil e as finalidades da Associação oferecem, contudo, motivo para uma reflexão e avaliação que vão além da mera notícia.

Antes de tudo, podemos tentar descrever as linhas ideais da Teologia a fazer; num segundo momento, limites e obstáculos que a situação apresenta.

Como no encontro de 1984, e talvez ainda mais nitidamente, houve uma convergência dos participantes quanto às tarefas da Teologia no atual momento brasileiro. A busca da convergência foi estimulada, provavelmente, pela conjuntura que a Teologia brasileira atravessa. Disso não se falou explicitamente. Mas poucos duvidam de que o momento não é o mais oportuno para acentuar as diferenças entre os teólogos. Também o objetivo específico da reunião — dar caráter definido e estável a uma “sociedade de teólogos” — contribuiu para selecionar os participantes e reunir os que estavam dispostos a trabalhar juntos.

Com base nos debates, em grupos e plenário, e na “Ata de Fundação”, creio poder resumir as linhas ideais de convergência em seis pontos, que formulo aqui muito rapidamente, confiando na capacidade do leitor de integrar e matizar.

1. Os teólogos sentem necessidade de fazer uma Teologia a partir dos desafios que a realidade histórica (o “mundo”), em seu dinamismo, vai suscitando para a fé cristã. Buscam a elaboração teológica dos grandes problemas da sociedade brasileira, mais do que a concentração nos problemas “internos” da ciência teológica ou de certas comunidades eclesiais. Isto significa uma atenção acentuada ao novo, ao inédito, ao imprevisto, mais do que a um passado, já muitas vezes explorado e repetido, e mais do que àquilo que está para sempre fora de discussão. Isto não significa, porém, evidentemente, um esquecimento da grande tradição, constitutiva da fé cristã. Poderá, contudo, ser motivo de contestação por parte daqueles teólogos que da Teologia católica só conhecem a versão “dogmática”, a “Teologia do Denzinger”, comentário de documentos do magistério ou explicitação dos dogmas já definidos. Eles dirão que a nova Teologia não é ... Teologia! De outro lado, esta perspectiva — reafirmada no encontro — fará redescobrir à Teologia o que ela nunca deveria ter perdido: o serviço à evangelização, a contribuição ao diálogo entre fé e cultura.

2. Se a história de hoje e amanhã oferece os temas da Teologia, as direções para onde estender seus ramos, as raízes da Teologia querem buscar a seiva da fé no chão da comunidade eclesial e, mais precisamente, na mística e na tradição espiritual do povo. Segundo outra imagem, é no poço profundo da espiritualidade que a Teologia pretende atingir mais, diferentemente talvez das tentações positivista ou racionalista de outras tentativas teológicas. Ou ainda: é uma Teologia que quer se alimentar do mistério do Deus vivo e se expressar através da contemplação e do testemunho.

3. Esta Teologia reconhece que a experiência do humano e do di-

vino se faz a partir de situações históricas e existenciais características, específicas, diversas, não redutíveis à unidade, que seria uniformidade e nivelamento. Em nosso contexto brasileiro, situações humanas fundamentais — que envolvem grande parte da população — não encontram ainda expressão adequada e própria na Teologia católica: a condição da mulher, a consciência negra, as culturas indígenas, os movimentos de emancipação e as expressões culturais populares... A Teologia continua ocidental e "branca", elitista, masculinizada... Os teólogos pretendem criar espaço para um amplo pluralismo teológico, para uma transição do monopólio de poucos para o acesso de muitos ao campo da Teologia.

4. A Teologia se quer ainda uma Teologia científica, e por isso mesmo inserida no movimento científico contemporâneo, nas instituições universitárias, nas novas tentativas culturais. Esta perspectiva exige, sem dúvida, a superação de um certo isolamento institucional da Teologia, excluída do mundo acadêmico por preconceitos arraigados de ambos os lados. Ao mesmo tempo, exclui toda subserviência a modelos de academismo e elitismo, para participar da luta para tornar a ciência e a Universidade mais próximas da sociedade e dos interesses reais da maioria da população, dos pobres.

5. A Teologia — segundo os participantes do encontro — pretende ainda aprofundar seu relacionamento com a comunidade eclesial e, particularmente, com a autoridade episcopal, com o magistério. A reformulação destas relações — como resultado não da iniciativa unilateral de teólogos, mas da evolução global da Igreja no atual contexto social — trouxe, como se sabe, certas dificuldades de compreensão recíproca e certo afastamento. Pelo caminho do diálogo, para o qual encontraram um interlocutor atento e aberto na CED, os teólogos confiam no amadurecimento de novas relações positivas para todos.

6. Enfim, está claro que estas tarefas trazem perspectivas e exigências de reformulação profunda do trabalho teológico em diversos níveis. Em nível epistemológico, a nova consciência histórica e as relações com o mundo das ciências estimulam um repensamento dos fundamentos da Teologia, através de uma visão mais crítica dos pressupostos que influenciaram a "leitura" da própria Tradição eclesial. No plano da organização do trabalho científico, é evidente que as novas tarefas exigem um trabalho coletivo organizado em grande escala, através de projetos que associem um número muito maior de especialistas de várias disciplinas ou onde o trabalho comum seja repartido mais racionalmente. O tempo, não muito longo, do teólogo individual, que podia conhecer sozinho todo o campo da "dogmática" ou de várias disciplinas, está terminado e a consistência dos novos empreendimentos científicos, também no campo teológico, está ligada aos progressos da organização e da

cooperação.

Nada mais natural, neste contexto, do que a criação da "Sociedade de Teologia", i.é., de uma associação de teólogos católicos, que se quer a serviço da comunidade eclesial, mas que também se declara explicitamente aberta ao diálogo ecumênico, em sentido amplo, não apenas com os teólogos de fé cristã, mas também com as diversas áreas científicas e culturais, como vimos.

II

Mas para que o quadro não apareça demasiadamente idealista, é oportuno recordar, mesmo se mais brevemente ainda, limites e obstáculos com que esbarram essas aspirações e este projeto.

1. A realidade atual da Teologia brasileira parece presa ainda, de modo predominante, à realidade dos seminários e da formação dos futuros presbíteros. Pelo menos esta é a única estrutura institucional que forma e mantém teólogos. Ora, a enorme dispersão dos cursos seminários (calculo em mais de 60 os atuais cursos de graduação em Teologia no Brasil) isola os professores de Teologia, já em número reduzido em comparação com as necessidades, e os sobrecarrega de tarefas rotineiras, que os afastam não apenas das oportunidades de novos estudos e pesquisas, mas até da chance de um mínimo de informação e atualização.

É verdade que passos significativos em outras direção foram dados em anos recentes — através da inserção dos cursos teológicos em algumas Universidades e sobretudo da presença "pública" dos grandes teólogos, envolvidos no debate dos problemas nacionais. Mas o risco de um descompasso grave entre a Teologia que a sociedade espera (e os teólogos sonham) e a Teologia efetivamente possível é muito grande!

2. Incipiente é também a diversificação do sujeito teológico e a abertura da Teologia a novas situações humanas. O número dos leigos que participaram do encontro foi muito pequeno, mas real é a esperança de que a Teologia não continue unicamente como privilégio dos clérigos. É possível, como timidamente se faz em alguns lugares, encorajar a profissionalização de teólogos leigos. Um pouco mais numerosa foi a presença das mulheres no encontro (quatro religiosas e uma leiga; duas religiosas e uma leiga aderiram, sem estarem presentes). Uma das comunicações informou sobre o recente encontro (Petrópolis, 6 a 8 de junho p.p.) sobre a produção teológica feminina nas Igrejas cristãs, do qual tomaram parte 30 católicas e 4 protestantes brasileiras¹. E a primeira

(1) A respeito, veja as reflexões de Ana Maria Tepedino, neste mesmo número, pp. 375-379. (Nota da Redação).

doutora em Teologia formada no Brasil, a irmã Franziska Carolina Rehbein, teve a alegria de autografar os primeiros exemplares de sua tese doutoral transformada em livro (cf. *Persp. Teol.* 17 [1985] 201-220). Também o interesse pelas culturas indígenas e pela consciência negra esteve presente nas comunicações e nos debates. E tudo isso foi muito mais nítido que no encontro de 1984.

3. De outro lado, para quem está acostumado aos estereótipos da Teologia latino-americana e brasileira, considerada altamente politizada, poderia parecer estranha ou anormal a pouca atenção que o encontro dispensou a temas econômicos e políticos. Pessoalmente, parece-me que há aí um sinal de alerta quanto à necessidade de retomar, em novo contexto, o diálogo com as ciências sociais e de dar um passo à frente na análise de uma nova conjuntura da sociedade. Mais graves ainda são as lacunas dos teólogos nacionais quanto ao diálogo com as ciências naturais e às repercussões éticas e sociais das novas tecnologias. Poucos, ou pouquíssimos, são os teólogos "bilingües", que falam – ao lado da linguagem teológica – também a linguagem de uma ciência como psicologia, sociologia, economia, biologia etc.

4. O perigo de que a Teologia se desgaste em debates internos, de retaguarda, em lugar de se concentrar nos planos a longo prazo, numa visão lúcida do que é realmente relevante para o futuro, não pode ser esquecido. O encontro, contudo, parece ter contribuído para alertar contra este perigo. A temática que predominou nele apresenta alguma novidade, embora mais ao nível das explorações preliminares do que da produção consistente e madura. Não se voltou atrás, avançou-se pelo menos um pouco. Dar força e orientação correta a esse avanço é justamente a tarefa da "associação" dos teólogos: não pela mera formalidade de constituição de uma sociedade para a pesquisa teológica, mas pela cooperação ampla e sistemática, pela solidariedade verdadeira que não exclui o debate e a correção fraterna, em todas as dimensões do "fazer Teologia": discernir os sinais dos tempos, assumir a tradição e compromisso da comunidade eclesial, aprofundar a fé e a mística do povo, elaborar na linguagem da ciência a reflexão nascida da vida e da história...

*
* *
*

Nesse encontro foi fundada a *Sociedade de Teologia e Ciências da Religião*, sendo escolhida a primeira diretoria que ficou assim constituída:

João Batista Libânio S.J. — Presidente — Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, MG

Antônio Aparecido da Silva F.P. — Vice-Presidente — Faculdade de Teologia Assunção — Ipiranga — São Paulo, SP

Alberto Antoniazzi — Primeiro Secretário — Instituto de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — Belo Horizonte, MG

Franziska Carolina Rehbein S.Sp.S — Segunda Secretária — Instituto de Teologia de Ilhéus, BA

Cleto Caliman SDB — Tesoureiro — Instituto de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — Belo Horizonte, MG

Para maiores informações, dirigir-se ao Secretariado da Sociedade junto ao Departamento de Filosofia e Teologia da PUC/MG — Caixa Postal 2686 — 30161 BELO HORIZONTE - MG.

Alberto Antoniazzi é doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Milão, Itália (1962). Desde 1966, professor e, desde 1977, Chefe do Departamento de Filosofia e Teologia da PUC/MG. Colabora há vários anos com o Instituto Nacional de Pastoral. Publicou diversos artigos e pequenos livros sobre Teologia Pastoral e formação do futuros presbíteros.

Endereço: Caixa Postal 417 — 30161 Belo Horizonte - MG